

INSTITUTO SUPERIOR DE EDUCAÇÃO PRÓ-SABER

HELOISE FURTADO MARINHO SANTIAGO

**O OLHAR DE QUEM AVALIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SENSIBILIDADE NA
OBSERVAÇÃO**

Rio de Janeiro

2014

HELOISE FURTADO MARINHO SANTIAGO

**O OLHAR DE QUEM AVALIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SENSIBILIDADE
NA OBSERVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Normal Superior, com habilitação em Magistério da Educação Infantil.

Orientador:
Profa. Esp. Cristiane Motta

Rio de Janeiro

2014

S2351o Santiago, Heloise Furtado Marinho

O olhar de quem avalia na educação infantil: sensibilidade na observação / Heloise Furtado Marinho Santiago . – Rio de Janeiro: ISEPS, 2014.–
fl. il.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber, 2014.

Orientador: Profa. Esp. Cristiane Motta

1. Educação. 2. Normal Superior. 3. Educação Infantil 4. Crianças. 5. Avaliação. I.Título. II. Orientador. III. ISEPS. IV. Instituto Superior de Educação Pró-Saber.

CDD 372

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Pró-Saber

HELOISE FURTADO MARINHO SANTIAGO

**O OLHAR DE QUEM AVALIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: SENSIBILIDADE
NA OBSERVAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Superior de
Educação Pró-Saber como requisito
parcial para a obtenção do grau de
Licenciado em Normal Superior, com
habilitação em Magistério da
Educação Infantil.

Defendido e aprovado em 2 de dezembro de 2014.

EXAMINADORES

Profa. Esp. Cristiane Mota

Metodologia de Pesquisa II

LICENÇAS

Autorizo a publicação desse trabalho na página da Biblioteca do Instituto Superior de Educação Pró-Saber ou em qualquer meio que julgue adequado, tornando lícita sua cópia total ou parcial para fins de estudo e/ou pesquisa.

Essa obra está licenciada sob uma Licença **Creative Commons**, maiores informações <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/>.

Rio de Janeiro, 11 de novembro de 2014.

HELOISE FURTADO MARINHO SANTIAGO

Ao único que é digno de receber toda honra, glória e louvor. Amigo fiel de todas as horas ao doce e amável Deus Pai, Filho e Espírito Santo.

AGRADECIMENTOS

Existem sentimentos, que são difíceis de descrever por meio de palavras, porém preciso declarar minha gratidão a pessoas que são tão preciosas e importantes na conquista deste sonho.

Primeiramente rendo meu louvor e adoração aos meus maiores amores Deus Pai, Filho e Espírito Santo, razões da minha existência.

Ao meu pai Antonio Marinho maior exemplo de dignidade e hombridade a minha saudosa mãe Raimunda Maria que sempre primou pela minha educação.

A minha família querida, marido eu não conseguiria sem a sua ajuda, sempre levantando os meus braços para eu alcançar grandes vitórias, te amo! Filha você foi e sempre será minha maior conquista, obrigado por sempre compreender minhas ausências. Saiba que meu amor é teu por toda a vida.

As irmãs Marinho Cristiane, Luciane e Ana Caroline (para sempre unidas), aos meus cunhados homens valorosos de Deus José Maria (querido Pastor), Marquinho (irmão da alma) e Leonardo (pela fé). Meus sobrinhos, amores da titia Samuel Marcos, Maria Vitória, André Luís, Israel Marcos, José Benjamin (fonte de muitas observações e pesquisas) e Manuela. Aos meus legítimos padrinho Nelson e madrinha Madalena (Dadá), um modelo de dedicação e amizade.

Aos irmãos em cristo, que nunca deixaram de orar por mim (a oração de um justo move a mão de Deus ao nosso favor).

Aos meus alunos, maior fonte de inspiração e desejo pela educação.

A todos os meus professores, da pré-escola até os atuais, obrigado por sempre alimentaram minha enorme fome pelo saber.

A todos os meus colegas de profissão, que compartilham o desejo de fazer a diferença na formação da vida de cada criança, não podemos desistir nunca!

Desta forma compartilho com todos vocês a conclusão deste curso.

“Avaliar não é fazer um “diagnóstico de capacidades”, mas acompanhar a variedade de ideias e manifestações das crianças para planejar ações educativas significativas. Parte de um olhar atento do professor, um olhar estudioso que reflete sobre o que vê, sobretudo um olhar sensível e confiante nas possibilidades que as crianças apresentam”

Jussara Hoffmann

RESUMO

Essa monografia trata da avaliação na educação infantil e a sensibilidade no olhar de quem avalia. Inicialmente abordei a valorização da criança e sua infância ao longo da história. Trouxe em minha pesquisa de campo um comparativo de minhas práticas de avaliação antes e após meu ingresso no Instituto Superior Pró-Saber (ISEPS). Durante esse processo de construção, utilizei os instrumentos metodológicos de Madalena Freire em quem me apoiei metodologicamente para a pesquisa de campo.

Palavras-Chave: Educação infantil. Criança. Avaliação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.0 UMA HISTÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS	15
1.1 O jardim de infância	16
1.2 Da assistência social à educação	17
2.0 REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO	21
2.1 A importância das documentações pedagógicas e seus instrumentos de avaliação na educação infantil	21
2.2 Fichas classificatórias	22
2.3 Portfólio	24
2.4 Relatos/registros/ reflexões de avaliação	24
2.5 Instrumentos metodológicos	26
2.6 Repensando a avaliação através da minha prática (caderno de campo)	28
3.0 MUDANÇAS QUE OCORRERAM EM MEU OLHAR AVALIATIVO	30
4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

Desde a minha infância, lembro-me da vocação que tenho para o magistério, influenciada pelas primeiras vivências na Educação Infantil, quando frequentei a pré-escola no Jardim de Infância Campos Sales, tendo como modelo minha doce e amorosa professora Sônia. Nunca deixei de me espelhar e sonhar com seu exemplo e trago lembranças de nossas cantigas de roda, brincadeiras no parquinho e muitos passeios correndo atrás dos patos no Campo de Santana.

Um pouco mais tarde, já cursando o antigo primário, sentia-me atraída pelo magistério através das brincadeiras e até mesmo das aulas de reforço que eu dava para crianças menores. Elas embalavam o meu desejo de um dia me tornar uma professora.

Cursei o ensino fundamental nas escolas: Escola Municipal Guatemala, Escola Municipal Celestino da Silva e Escola Municipal Deodoro e após sua conclusão matriculei em um colégio de formação de professores: Colégio Estadual Júlia Kubitscheck. Foi exatamente nesse período que a minha vida deu uma reviravolta, me fazendo, desta forma, abrir mão do meu grande sonho de me tornar professora.

Durante nove anos, estive longe dos estudos. Foi quando recebi o convite para trabalhar em uma creche-escola privada no bairro da Tijuca, para ocupar uma vaga de auxiliar de creche, Naquele espaço educacional, atuando juntamente com a professora regente, através de cada história que era contada, de cada canção que embalava, reencontrei o meu desejo de um dia atuar como regente de turma.

Logo fui tomada por uma enorme vontade de retomar os meus estudos, me matriculando no ensino médio geral do Colégio Estadual Souza Aguiar, onde em três anos concluí o curso, estendendo minha formação em mais um ano em um normal pós-médio no Centro Educacional Valter e Wladimir.

Toda essa busca por formação, gradativamente me fortalecia em conhecimentos teóricos e também em minha prática docente com as crianças, já que durante minha formação de professora, tive a oportunidade de estagiar

com turmas do maternal ao quinto ano, ampliando extremamente meus conhecimentos referentes à prática em sala.

Durante a finalização do meu curso normal, prestei concurso público para a Prefeitura do Município do Rio Janeiro para o cargo de agente auxiliar de creche, função esta que ocupo até a presente data.

Todo o conhecimento que eu vinha adquirindo estava me levando a grandes descobertas, mas ainda era pouco, pois sentia o desejo de conhecer mais profundamente a pedagogia. Foi quando fui apresentada ao Instituto Superior de Educação Pró-Saber (ISEPS), instituição essa que tem me feito enxergar a educação sob uma nova ótica; de quem educa o ser de uma forma humana, que valoriza a singularidade de cada sujeito, seja criança ou adulto, educador ou educando fazendo-me entender o verdadeiro propósito da educação.

Acredito que através de um olhar sensível e apurado pelos conhecimentos que venho construindo ao longo destes três anos de formação nos ISEPS, posso de fato mudar minhas ações dentro do espaço onde atuo como educadora/mediadora e influenciar aqueles que estão ao meu redor, através da minha nova concepção de ensinar.

Por acreditar em uma educação que respeita e valoriza esse educando, que tem um olhar diferenciado e sensível a real necessidade deste pequeno sujeito, foi que escolhi o tema Avaliação, pensando nesse movimento de observar- planejar – avaliar para ai então se replanejar em novas ações promotoras de múltiplas experimentações de desejos do educador e educando.

Quando avaliamos, não o fazemos somente em relação à evolução da criança, mas também ao nosso programa, ao nosso planejamento e à nossa intervenção educativa. Desse ponto de vista, a avaliação serve para valorizar o que acontece quando colocamos nosso programa que planejamos previamente e para verificarmos se é preciso modificar ou não determinadas atuações (BASSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 2009, p.173)

Penso que nossas crianças têm sido atendidas, em sua grande maioria, pelas instituições de educação em nosso país; com muita indiferença e desrespeito, não tendo de fato seus direitos garantidos.

Inicialmente pensei em falar sobre os modelos de avaliação na educação infantil, mas o que isso traria de mudança em minha prática docente? Qual legado deixaria para educadoras com histórias semelhantes à

minha? Quero de fato discutir as transformações que vem ocorrendo na minha forma de enxergar, perceber e refletir sobre a forma como avaliamos nossas crianças dentro dos espaços de Educação Infantil e destacar também, como uma formação de qualidade do docente, poderá interferir diretamente em suas ações avaliativas.

Desenvolvo esta pesquisa dentro da creche Três Marias (nome fictício), onde atuo como educadora-mediadora. Pretendo promover diálogos e discussões, bem como, as inquietações que estão latentes, referente à postura pedagógica/avaliativa que tem sido utilizada nesta instituição de educação infantil.

Está pesquisa é de extrema importância para mim, pois quero provocar teoricamente em meus leitores uma reflexão sobre a mudança ocorrida em minha prática docente através da nova concepção de educação que tenho vivido, que tem me feito priorizar o olhar sensível, humano e diferenciado do professor para com esse educando, podendo fazer toda a diferença na trajetória de formação desse sujeito.

Vejo que este tema também poderá influenciar outros educadores, que assim como eu, um dia esteve com a visão ofuscada/turva; pela falta de conhecimentos, saberes estes indispensáveis a um professor, pois não podemos ficar alheios a tão importante papel:

“Educador, educa a dor da falta, da dor cognitiva. Educando a busca do conhecimento” (FREIRE, M., 2008, p. 27). Pensando na constante busca pelo saber, venho refletindo sobre o papel do educador. Acredito que não podemos continuar em sala de aula educando/cuidando sem uma ampla reflexão do que acontece de fato na vida das crianças. Não cabe mais a nós profissionais da educação, negligenciar todos os aspectos que são importantes para a avaliação do educando e do próprio fazer pedagógico, pois quando refletimos sobre a criança, refletimos também sobre a nossa ação e nosso papel em sua formação.

Não podemos concordar com ações espontâneas e improvisadas de imposição do saber, que deixam marcas do mais alto nível de autoritarismo. Devemos sim, primar pela qualidade em nossas ações docentes, focando sempre nesse sujeito autor de suas criações e nas realizações dessas mediações fundamentais para a promoção de suas aprendizagens.

Hoje, me vejo totalmente transformada, em relação as minhas antigas vivências/ações; posso afirmar que minha conclusão de curso no ISEPS é o grande divisor de águas em minha formação como educadora-mediadora, me fazendo entender desta forma a real importância do papel de um educador.

Para compreender melhor o papel da avaliação no contexto escolar, trago no primeiro capítulo, um breve histórico das creches e escolas de educação infantil. No segundo capítulo, apresento diferentes olhares e estudos teóricos recentes sobre avaliação e, no último capítulo, trago modelos de avaliação, seguido de uma conclusão reflexiva sobre o tema e suas implicações na minha prática. Desta forma, pretendo que esta pesquisa leve aos que a lerem a possibilidade de reflexão sobre sua práxis docente.

1.0 UMA HISTÓRIA DE LUTAS E CONQUISTAS

É impossível falar de educação infantil sem antes conhecer um pouco da sua história. Para compreender seu presente, e modificar o futuro, precisamos conhecer um pouco do seu passado, para então deslumbrarmos o grande percurso que as sociedades modernas vêm percorrendo, até chegar ao nível básico de qualidade – garantia dos direitos da criança- que encontramos hoje nas instituições brasileiras de educação infantil. “A história da assistência, ao lado da história da família e da educação, constituem as principais vertentes que têm contribuído com inúmeros estudos para a história da infância (KUHLMANN JR, 2007, p.16)

Falar sobre a história da infância é trazer à luz a forma em que a criança era vista e tratada pela sociedade. Um adulto em miniatura em sua forma de se comportar e se vestir. Eram considerados bárbaros e selvagens, seres incapazes de pensar e aprender por si só.

As primeiras instituições que atendiam crianças pequenas eram de cunho assistencial – asilos e orfanatos - que recolhiam órfãos e abandonados, e os internavam nesses lugares que mais se pareciam com prisões. Essa era a forma que as crianças eram tratadas na concepção de infância existente na Europa, que apesar de ter esse pensamento, ainda estava muito à frente em relação ao Brasil. “Aires identifica a ausência de um sentimento da infância até o fim do século XVII, quando teria se iniciado uma mudança considerável” (KUHLMANN JR, 2007, p.18).

A partir deste período, iniciam-se diversas mudanças no que diz respeito à primeira infância, quando as crianças passaram a ser vistas com um olhar diferenciado pela sociedade, que buscava ensinar a civilidade e disciplina. Porém essas modificações de fato vieram primeiramente para as classes mais abastadas e somente depois para as mais pobres, como veremos a seguir.

Em meados do século XIX houve uma verdadeira multiplicação das instituições de educação infantil na Europa

Eugène Marbeau constatou, em sua fala, que a instituição criada por seu pai em 1844 estava se disseminando. Em 1875, não existia mais de 35 creches no departamento do Sena, e quando muito 75 no restante da França. Agora, somente no departamento do Sena contavam 60. Nos outros departamentos havia mais de 200 creches.

No estrangeiro, havia creches nos países onde mulheres precisavam trabalhar para ganhar seu sustento (KUHLMONN JR, 2007, p. 68).

Como vimos acima, o número de creches se multiplicavam não só na Europa mais em todos os países industrializados por todo o mundo.

No Brasil (por volta de 1930), com a chegada da indústria e a contratação de mulheres para o mercado de trabalho, houve uma incessante busca por espaços que abrigassem os filhos das operárias nos grandes centros urbanos. Nesse mesmo período foram implantadas diversas instituições assistencialistas junto às fábricas - medida tomada para atender a demanda de trabalho feminino nas indústrias- que tinham como principal objetivo oferecer serviços tais como: proteção à mulher grávida pobre, assistência ao parto em domicílio, assistência ao recém-nascido, distribuição de leite, creche, consulta de lactantes, higiene da primeira idade, exame e atestado das amas-de-leite, exame da mãe que pedem leite esterilizado para seus filhos, e vacinação.

1.1 O Jardim da Infância

A trajetória do Jardim de Infância foi percorrida por caminhos bem diferenciados aos das creches assistencialistas, já que o mesmo foi criado, não com a intenção de promover assistências sociais, mas de desenvolver uma nova tendência mundial em educação infantil como veremos a seguir.

Os novos Jardins de Infância brasileiros no final do século XIX, eram vistos como escolas modelo – com uma boa infra-estrutura, com salas de festa, sala de reunião de professores, pátios, móveis adaptados - e em sua maioria atendiam filhos de políticos da classe média alta. “Na história do Jardim de Infância, essas divisões sociais aparecem de maneira, bastante clara, com o Jardim de Infância para os ricos” (KUHLMONN JR, 2007, p. 166).

Pedagogicamente, os Jardins de Infância no Brasil neste mesmo período praticavam a concepção Froibelianiana, que tinha como principais recursos em sua prática, o uso das revistas que norteavam todas as ações trabalhadas com as crianças dentro dos seus espaços de educação e a divulgação da forma de se trabalhar com crianças pequenas segundo Froebel (uma tendência mundial na época). “a relação do Jardim com o sistema escolar apoiava-se na leitura de

relatos estrangeiros que atribuíam um melhor desenvolvimento dessas crianças nos trabalhos escolares” (KUHLMONN JR, 2007, p. 134). Fazia-se também o uso dos Dons, que eram áreas a serem trabalhadas com as crianças, a fim de testar o nível de aptidão de cada uma delas, e a partir do interesse das mesmas fortalecer desta forma seus principais dons de aprendizagem.

Percebo através de pesquisas sobre a vida e obra do autor e minhas vivências pedagógicas que a concepção de Froebel até os dias de hoje reverberam em nossos espaços de educação infantil. É o novo dialogando com o antigo.

1.2 Da Assistência Social à Educação

Mesmo com algumas pequenas mudanças no cenário da educação infantil (as crianças já desfrutavam de algumas propostas pedagógicas), o trabalho que era realizado dentro das instituições, ainda tinha o objetivo de favorecimento social aos mais pobres.

Por volta do ano de 1979, com o fim da ditadura militar, manifestações populares se levantaram em todos os segmentos da sociedade sacudindo todo o país. E foi nesse exato momento que um grupo de mulheres, se destacaram por reivindicarem políticas sociais, que favorecessem suas maiores necessidades, especialmente a falta de creches para seus filhos, para que as mesmas pudessem trabalhar.

O governo do Município do Rio de Janeiro ao perceber que o contingente de favelados crescia gradativamente, pensou em criar um órgão que cuidasse dos mais carentes, foi quando o mesmo fundou a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS), no ano de 1979.

A partir deste momento a luta das mulheres se intensifica ainda mais, pois agora elas gritavam por leis favoráveis a seus filhos para que assim alcançassem melhorias de vida para suas famílias.

Como ressalta documento do Conselho Nacional dos Direitos da mulher (1988), desde as etapas que antecederam a instalação da Assembleia Nacional Constituinte, grupos organizados da sociedade civil procuravam sensibilizar os legisladores para diferentes questões, entre as quais os direitos da criança. (CAMPOS; ROSEMBERG; FERREIRA, 2006, p.17)

Esse era o momento histórico, que marcava a manifestação e participação direta das mulheres na criação de leis favoráveis a criança e adolescente durante o período de elaboração da constituição federal de 1988 em nosso país. “um texto constitucional define claramente como direito da criança de 0 a 6 anos de idade e dever do Estado, “atendimento em creches e pré-escolas “ (Art. 208, inciso IV). (CAMPOS; ROSEMBERG; FERREIRA, 2006, p.17).

A partir desse momento cria-se um novo cenário na educação infantil brasileira, que passa da assistência social para a Secretaria de Educação priorizando desta forma o direito da criança que ganha uma maior visibilidade passando a ser objeto de planejamento, legislação e de políticas sociais e educacionais.

É um direito da criança e um dever do Estado promover a educação básica, que vai da creche ao ensino médio. Garantindo dessa forma ao pequeno cidadão sua permanência na educação infantil dos 0 aos 6 anos de idade como afirma a citação acima. Esses direitos só foram garantidos de fato a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988 (artigo 208, inciso IV).

Na década seguinte, outras leis fortalecem ainda mais a luta pelo direito da criança e adolescente. Gostaria de destacar o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) de 1990- sua elaboração foi inspirada pela Constituição Federal de 1988 e tem como o seu principal objetivo proteger esse sujeito em desenvolvimento- e Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) Lei nº 9.394, promulgada em dezembro de 1996, - tem como principal objetivo, nortear o funcionamento da educação em todas as suas esferas administrativas- exerceu e exerce até hoje um papel fundamental obrigando o Estado a cumprir as leis.

Outros documentos surgiram com o nobre papel de fortalecer nossas práticas pedagógicas dentro das instituições de educação infantil em todo o país, entre os quais destaco: Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Infantil 2010 (DCNEI) e Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), documentos estes que farei referências no capítulo a seguir.

Com todos esses avanços e a ampliação do olhar para a educação infantil, Fez-se necessário estudar mais sobre a avaliação e qual é o seu principal papel, pois “Quando avaliamos, não o fazemos somente em relação à

evolução da criança, mas também ao nosso programa, ao nosso projeto e à nossa intervenção educativa” (BARSSEDAS; HUGUET; SOLÉ, 2009, p. 173).

Com as reformulações do conceito de criança e infância no Brasil, abriram-se caminhos para se repensar e discutir novas práticas pedagógicas dentro dos espaços de educação em todo o território nacional. Embasadas na criação de leis, documentos e políticas públicas que favorecem a criança como cidadã de direitos. Hoje podemos vê-la não só como um aprendiz, mas como sujeito, autor de suas ações e aprendizagens, fazendo parte agora de todo o processo de sua educação. O professor, por sua vez, que antes era o centro do saber, abre ou deveria abrir espaço, para todas essas mudanças, que vêm ocorrendo na maioria das sociedades em todo o mundo, que já se deram conta de que o educando é o principal personagem no processo da aprendizagem.

Porém, como é de conhecimento de nós profissionais da educação que, na era moderna, existem concepções que regem o fazer pedagógico, entre as quais estarei destacando a autoritária e a democrática (na qual tenho edificado meus conhecimentos adquiridos nesses três anos).

Para compreender melhor essas concepções falarei brevemente sobre elas:

Autoritária- Concepção que regeu a educação, por quase toda a sua existência, e que ainda tem sido praticada na maioria das instituições de educação em todo o Brasil. Tem como principal característica, a paralisação daqueles que estão sob seu domínio tentando embutir saberes através de uma concepção bancária, que deposita em seus aprendizes diversos conteúdos, segundo Freire, P., (2005)

Democrática- Concepção que tem como filosofia e ideologia a formação de cidadãos pensantes e autônomos de suas próprias ações. Tem como características principais dar voz ao seu educando, instigar suas curiosidades, fazendo-o desta forma alcançar sua verdadeira aprendizagem, Freire, P., (2005)

Ao conviver dentro de uma instituição com duas concepções de prática pedagógica, foi que me senti desafiada a discutir a maneira que esse educando é visto em todo seu processo de aprendizagem e principalmente durante todo seu percurso de avaliação dentro desse espaço educativo. Compreendo que o processo avaliativo é de extrema importância na

elaboração e reelaboração de novas propostas que serão realizadas com os educandos. Pois ao avaliar vejo e revejo minha autoavaliação, as do grupo e de cada criança individualmente, podendo, desta forma, modificar minhas ações pedagógicas presentes e futuras.

Ao fazer essa reflexão sobre o papel da avaliação dentro dos espaços de educação infantil, me permiti confrontar e refletir com todas as minhas vivências avaliativas anteriores. Como eram minhas avaliações antes da minha formação nos ISEPS? Agora já na conclusão deste curso, como tenho desempenhado meu papel? Quais tem sido os diferenciais dentro da minha prática docente? Como tenho procurado influenciar minhas colegas de trabalho com as novas crenças pedagógicas que conheci? Desta forma estarei tentando responder tais questões e inquietações nos próximos capítulos através de vivências da prática (passadas e presentes) dialogando diretamente com os teóricos que têm embasado minhas pesquisas.

2.0 REFLEXÕES SOBRE A AVALIAÇÃO

Este capítulo trará algumas reflexões teóricas e modelos de avaliação que foram importantes na minha formação e reflexão sobre o tema. Começarei falando da importância da documentação e registro na prática avaliativa.

2.1 A importância das documentações pedagógicas e seus instrumentos de avaliação na educação infantil.

O uso das documentações em nossa prática docente abre oportunidades de revermos nossas ações passadas, presentes, para assim criamos e recriamos futuras propostas que favoreçam aprendizagem do educador e do educando. Uma documentação rica, traz em seu corpo diversos recursos, (áudio-vídeo, material fotográfico, anotações entre outros). Estes por sua vez facilitam a visualização, observação e diagnóstico de quem os utilizam na construção de suas avaliações, tornando desta forma uma leitura mais fácil e significativa dos momentos vividos por todos envolvidos neste processo relatado. "As anotações, as gravações, os slides representam fragmentos de uma memória" (RINALDI, 2014, p. 81).

Se o educador souber aproveitar as oportunidades de observação e análise de seus registros, ele conseguirá ter material para avaliar o seu trabalho com maior clareza.

Gostaria de destacar o grande diferencial que há, no educador quem tem a prática da escuta/observação dos seus educandos, pois, ao ouvir e observar suas falas e gestos estará facilitando e proporcionando maiores registros das aprendizagens e atendendo melhor as necessidades desta criança.

A documentação, por sua vez, exerce um papel fundamental em nossas avaliações docentes. Algumas modelos de avaliação e registro serão exemplificadas durante o desenvolvimento deste capítulo, trazendo uma reflexão sobre elas e suas influências na minha formação.

2.2 Fichas classificatórias

Quando iniciei meus primeiros passos na educação infantil, eu tinha uma ideia formada sobre avaliação, pensava que, para medir as evoluções do meu aluno, eu deveria me limitar ao que ele já fazia ou não, marcando simplesmente um x. Exemplo: Pedro gosta de brincar com os colegas? Sim (), não () ou as vezes (X). Ao avaliá-lo em um momento isolado, acabava desconsiderando vários fatores que pudessem está ocorrendo no contexto da vida dessa criança.

Tal ação desvaloriza o que há de mais rico e precioso no processo vivido por esse aprendiz, que é a construção das suas aprendizagens. Caracterizamos esta avaliação como comparativa / classificatória segundo Hoffmann (2012. p.110).

Gostaria de destacar que esse modelo de avaliação classificatória, rotula e imprime nesta criança, um falso julgamento, pois quando digo que Maria Joana é muito boa nos relacionamentos afetivos e que João Pedro é muito agressivo, estou trazendo a esta criança uma imagem / impressão negativa, distorcida e permanente, se comparada à figura exemplar de sua colega, provavelmente essa criança poderá estar sendo estigmatizada por tal descrição. Quando as pontuamos desta forma, estamos criando sobre ela um rótulo, que pode segui-la por muitos e muitos anos e até mesmo deixar marcas permanentes. É por isso que nós educadores não devemos fazer uso da avaliação como uma arma de desabafo de nossas inquietações, mas sim torná-la uma ferramenta para pensar/refletir sobre esta criança que é singular, em sua construção de desenvolvimentos e aprendizagens.

Um modelo de avaliação comparativo/classificatório, que foi bastante questionado na atualidade, foi o teste ASQ-3 (modelo de avaliação norte americano), utilizado pela Secretaria de Educação do Rio de Janeiro, que fez parte da realidade de muitas creches, inclusive da minha durante o curto período em que esteve em uso. Tinha como principal objetivo fazer testes avaliativos individuais em crianças de 1 a 66 meses de idade em cinco áreas de desenvolvimento: coordenação motora fina, coordenação motora ampla, comunicação, resolução de problemas e habilidades pessoal e social. Testes estes que ao aplicá-los, não faziam o menor sentido para mim como educadora e muito menos para as crianças, que ficavam atônitas e paralisadas sem

compreender as perguntas (ele trazia seis perguntas em cada área com o objetivo de detectar com maior rapidez a normalidade ou não do desenvolvimento desta criança).

Trago como exemplos 4/40 de perguntas realizadas com crianças de 48 meses / 4 anos:

Área da comunicação: A criança nomeia pelo menos três itens de uma categoria? Por exemplo, se você pede: "Diga-me algumas coisas que as pessoas comem?" Ela responde algo como "ovo, biscoito e pão"? Ou se fala: "Diga-me o nome de alguns animais", e ela responde algo como "vaca, cachorro e elefanta"? **ASQ-3 (p.2).**

Área da coordenação motora ampla: A partir de uma posição de pé e com os pés juntos, a criança pula pra frente 50 cm (meio metro)? **ASQ-3 (p.3).**

Área de coordenação motora fina: A criança colore figuras de um livro de colorir ou um círculo de 5 cm feito por você, sem sair muito dos limites? (Ela não deve passar de meio centímetro da maioria do contorno das figuras.) **ASQ-3 (p.4).**

Área de resolução de problemas: Quando você mostra para a criança objetos e pergunta "Que cor é essa?", Ela identifica cinco cores diferentes como vermelho, azul, amarelo, laranja, preto, branco ou rosa? (Marque "sim" somente se a criança identificar corretamente cinco cores diferentes.) **ASQ-3 (p.4)**

Área pessoal/social: A criança põe e tira a roupa sem ajuda? Ela pode pedir sua ajuda no caso de colchetes, botões e zíperes. **ASQ-3 (p.5) (PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO, 2009)**

Nestas análises havia total ausência de reflexões e registros da prática educador - educando, inclusive o seu manual indicava que para responder ao ASQ-3 a educadora avaliadora necessitaria de dez a quinze minutos para seu preenchimento, precisando ser apenas conhecedora das práticas e costumes das crianças, como se elas fossem um produto sem história e contexto social.

Após longas discussões e debates sobre a aplicação do teste na educação infantil, a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, abriu mão do uso deste modelo avaliativo, voltando a fazer o uso de registros reflexivos e portfólios em suas avaliações.

2.3 Portfólio

O portfólio é um dos instrumentos de avaliação mais utilizados na educação infantil, pois ele tem a participação direta das crianças e educadores dando uma maior visibilidade de seu processo de construção. Faz uso de vários elementos como: desenhos, escritas das crianças, recursos fotográficos/ áudio-vídeo, registros escritos pelos docentes, relatando dos momentos mais relevantes das vivências da criança.

Este instrumento poderá ser visto por todos que fazem parte desse processo educacional (criança, docentes, coordenadores pedagógicos, familiares e até outros profissionais que o desejarem ver). A sua principal característica é proporcionar uma melhor visualização de todo o processo vivido durante o percurso percorrido em sua construção.

Na instituição em que trabalho o uso do portfólio tem sido introduzido em nossas avaliações, mas tenho visto e presenciado muitas dúvidas em algumas colegas com relação a instrumentalidade desse modelo avaliativo, pensando ser um álbum de fotografias e esquecendo o primordial, que são os relatos/registros/reflexões dos docentes em relação ao percurso das aprendizagens individual da criança e do grupo como um todo.

2.4 Relatos/registros reflexivos de avaliação

Partindo de um novo olhar para a criança e a infância, principalmente nos primeiros anos de vida, é que venho refletindo sobre o tema avaliação na educação infantil.

"A avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental" (LDB, art. 31, p.16) Como a própria lei recomenda a partir da concepção de avaliação processual - que é vivida como um percurso de reflexão cotidiana. Freire, M., (2014) - Não podemos limitar nossas observações apenas ao final de cada bimestre-semester, nos baseando em fatos isolados vividos por esse pequeno sujeito. Precisamos ficar atentos a cada ação cotidiana, para que possamos de fato nos apropriar desse dia a dia da criança- grupo- educador, a fim de que se construa em nossa rotina um histórico de todos, ou quase todos, acontecimentos vividos pelo grupo.

Por quase todo o meu tempo de atuação na educação infantil, limitei-me a realizar pequenos registros das características e comportamentos das crianças durante a rotina na creche e também por comentários orais sobre os avanços das crianças (que eram discutidos com as demais educadoras da sala). Perdíamos a maior riqueza da nossa prática com os pequenos, que eram as vivências e evoluções do passo a passo do desenvolvimento e conquistas das suas aprendizagens. Esta ação de historiar só poderia, ou deveria ocorrer, através de registros (escritas dos educadores, das crianças, desenhos, fotografias, áudio-vídeo entre outros), construídos pelas crianças em seus atos de criação. Porém, não tínhamos este hábito, deixando que os registros se perdessem.

A falta de conhecimento teórico para embasar minha prática, levou-me durante muitos anos a ter um olhar errôneo para essa criança em seu processo de avaliação, pois, sem me apropriar de sua história de vida, do seu contexto social e não respeitando seu tempo de maturação- ignorando as etapas do seu desenvolvimento integral- fazia sem dúvida um pré- julgamento de suas ações. Durante um longo tempo me permiti ter um olhar julgador, me deixando influenciar por observações rotuladas que outros educadores que estiveram trabalhando com essas crianças no ano anterior faziam. Exemplo: Você vai ver que essa criança é impossível, não para quieta, ela deve ter algum probleminha. Tais falas acabavam alterando o meu olhar para essa criança, como trago em um trecho de um relato de uma avaliação que realizei no ano de 2011, antes do meu ingresso nos ISEPS. *“Agatha é uma criança bem hiperativa, que demonstra preguiça e desorganização, quando a pedimos para ajudar e arrumar os brinquedos”*. Hoje, através do conhecimento que venho construindo, identifico muitos preconceitos sobre essa criança, que fica explícito no trecho do relatório de avaliação que fiz dela. Percebo que o modelo de avaliação que eu pensava ser favorável para a educação desta pequena aprendiz, na realidade me distanciava a ter um olhar sensível e diagnóstico de quem realmente ela era- Uma criança em pleno desenvolvimento, desfavorecendo, desta forma, minhas propostas docentes em todos os aspectos, já que eu não a compreendia dentro de suas necessidades de desenvolvimento e aprendizagem.

A concepção democrática que hoje passou a ser vital para minha formação humana e profissional levou-me a crer que não há como realizar uma avaliação diagnóstica e favorecedora das aprendizagens dos educandos sem levar em conta todo o percurso que tem sido construído por ele. Foi por meio dos instrumentos metodológicos- avaliar-planejar, reavaliar e replanejar-, ferramentas que tenho utilizado no avanço das minhas conquistas dos saberes educador- educando, é que modifiquei minha prática ao observar, avaliar e planejar. Os reais desejos e necessidades dos meus educandos são diariamente sistematizados e trabalhados através dos conteúdos propostos dentro da rotina, conduzindo-me sempre a novas ações (como veremos nos escritos do meu caderno de campo mais a frente).

2.5 Instrumentos metodológicos

Abordarei um pouco mais sobre a diferencial do uso dos instrumentos metodológicos em meu fazer pedagógico.

Quando ingressei nos ISEPS e comecei a ter contato com os instrumentos metodológicos Freire, M., (2008). Fui gradativamente percebendo que eles são poderosas ferramentas/armas de luta contra o apagão pedagógico, que nos faz perder/esquecer as grandes conquistas adquiridas em nossa prática. Durante nossa formação, aprendemos através da concepção democrática, que esse movimento de observar, registrar, avaliar e planejar é favorecedor na construção das nossas práticas educativas com as crianças e com o nosso próprio ensinar, já que nos leva a refletir a todo tempo sobre nossas ações. “Talvez a avaliação do aluno devesse começar com a auto-avaliação do professor” (FREIRE, P., 1984, p. 92). Acredito, que o princípio de qualquer ação pedagógica seja a auto-avaliação do educador, pois quando percebemos nossos erros e acertos e reconhecemos que precisamos modificar/ampliar nossas ações, abrimos espaço para as mudanças acontecerem e, desta forma, avançamos e favorecemos o processo das aprendizagens individuais e coletivas.

Abordarei um pouco sobre como tenho feito o uso de cada instrumento metodológico nas minhas vivências em sala de aula.

Tenho observado reflexivamente as aprendizagens dos pequenos, por meio dos seus interesses/desinteresses nos momentos das brincadeiras, atividades pedagógicas e, principalmente, quando paro para ouvi-los, não somente nas rodas de conversa, mas durante todas as atividades da rotina.

O registro reflexivo da minha prática docente e das aulas no curso do ISEPS foi sem dúvida o movimento mais desafiador em minha formação - Chego a compará-lo ao processo da metamorfose vivido pela lagarta ao virar borboleta, pois foi lento e doloroso- pelo fato de que eu não tinha o hábito de escrever, porém precisei entender e aprender, que só podemos sistematizar nossas aprendizagens e de nossos alunos através dos registros das nossas ações e para que isso ocorra diariamente, como se refere Freire, M., (2008). Precisa-se que criemos o hábito e a disciplina intelectual. (p.37.).

Todavia, não faço somente o uso do registro escrito em minha prática docente, pois o próprio movimento do dia-a-dia com as crianças me leva a utilizar outros recursos de registros como: fotografias, áudio-vídeo e blocões. Por meio destas ferramentas, posso rever minhas ações com os pequenos. Ao documentar o processo das aprendizagens das crianças, posso avançar mais em suas avaliações.

A avaliação e o planejamento dentro de uma concepção democrática de educação dialogam o tempo todo.

A avaliação retoma os focos do planejamento e estuda o processo vivido, seus impasses e conquistas – qual o produto alcançado. É neste sentido que toda avaliação é processual, acontece a cada aula, constituindo assim o embrião do planejamento da aula seguinte. (FREIRE, 2008, p. 176).

Hoffmann amplia nossa reflexão sobre avaliação quando afirma que:

Avaliar é refletir e não julgar, é acompanhar o percurso que esse sujeito tem percorrido, é procurar observar os mínimos detalhes, todas as mudanças ocorridas, nesta trajetória. Sempre com o objetivo de favorecer da melhor forma o desenvolvimento do mesmo, nunca com o propósito de generalizar as aprendizagens das crianças, mas sim ter um olhar sensível e peculiar para cada indivíduo. (HOFFMANN, 2012, p.13).

A importância dessa avaliação cuidadosa, contínua e processual tem me levado a repensar cotidianamente sobre as crianças, suas aprendizagens e, sobretudo, sobre as minhas ações como educadora.

2.6 Repensando a avaliação através da minha prática (caderno de campo)

Trago minhas experiências que tenho vivido dentro da Creche Municipal Três Marias (nome fictício), com a turma do maternal II, que atende 23 crianças. No dia 22 de julho deste mesmo ano, durante o momento da chamada: Registrei a chamada especificamente, pois era o momento que eu tinha de maior liberdade e autonomia com a turma, já que não sou a professora regente e me limitava ao momento em que a mesma descia para seu planejamento diário.

Meu planejamento para as chamadas despontava sempre do projeto em que a creche estava inserida (Arte na creche), procurando dialogar com os interesses e curiosidades das crianças e assuntos pertinentes ao tema que estava sendo trabalhado (Literatura), afim de ampliar desta forma o repertório de seus conhecimentos. Através da leitura do poema cemitério (Poemas para brincar/José Paulo Paes), iniciamos no primeiro dia – afim de saber seus conhecimentos prévios- uma chamada com as seguintes perguntas: Vocês sabiam que ao lado da nossa creche existe um cemitério chamado São Francisco de Paula? (Miguel Francisco, Clara, Rodrigo e Ricardo, disseram que não sabiam). O que poderemos encontrar lá? – Jader respondeu: tem cachorro. – Maria Fernanda disse que tinha visto da janela de sua casa uma barata voadora. Gustavo falou que dentro do cemitério morava o Batman (entendi que ele se referia ao morcego). – Maria Fernanda respondeu que lá tinha a caveira, mas que ela tinha muito medo. Neste instante, intervi dizendo ao grupo que ninguém precisava ficar com medo, pois todos nós temos ossos embaixo da pele, e assim foi se dando a chamada com cada um fazendo a sua leitura do que havia dentro do cemitério. Vou me deter às falas descritas, pois meu maior objetivo é mostrar que através de uma simples chamada, podemos partir para uma avaliação de nossas crianças.

Sem dúvida essa experiência com o caderno de campo, fortaleceu todas as aprendizagens que eu havia construído a respeito dos registros como fonte preciosa de futuras avaliações, pois toda a dinâmica da avaliação começava a fazer sentido para mim como estarei relatando no próximo capítulo.

3.0 MUDANÇAS QUE OCORRERAM EM MEU OLHAR AVALIATIVO

Neste terceiro capítulo proponho a falar sobre as mudanças que ocorreram em minha forma de enxergar essa pequena criança, e através dos relatos da minha prática docente, como vimos no capítulo anterior, pretendo elencar acontecimentos que fizeram parte das nossas discussões sobre práticas de avaliação, que vêm ocorrendo dentro de alguns agrupamentos em minha creche, fazendo oposição ao novo olhar que tenho construído do é uma avaliação respeitosa e favorecedora ao sujeito aprendiz.

Partindo do olhar sensível para esse educando e me apropriando de todos os instrumentos metodológicos em meus fazeres pedagógicos, foi que destaquei em minha pesquisa a avaliação como problematizador das minhas inquietações e questionamentos sobre a prática de avaliação, que venho desenvolvendo com a turma onde atuo como educadora/mediadora e relacionando com as ações de algumas colegas que trabalham juntamente comigo neste espaço infantil.

Uso neste estudo os registros e avaliações que realizo diariamente com a intenção de proporcionar sempre o novo nas aprendizagens cotidianas no coletivo e principalmente nas especificidades individuais, por meio das minhas observações, notas imediatas, reflexões, registros e avaliações. Trouxe como exemplo meu diário de campo, demonstrando a eficácia do uso dos instrumentos metodológicos na mudança do meu olhar docente, junto as minhas avaliações formativas (práticas avaliativas que partem dos registros do cotidiano produzidos pelo educador - educando). Estas avaliações que tenho realizado com o agrupamento do maternal II em que trabalho, tem me feito viver a práxis da avaliação em toda a sua essência.

Em minhas avaliações da turma, tenho procurado identificar as zonas de aprendizagens real e proximal de cada um de nós envolvidos no processo de aprendizagens educador - educando.

A observação, com seus focos, delimita o que queremos pesquisar, refletir, estudar: por isso mesmo ela traz o germe da avaliação. Ela diagnostica o que o grupo sabe – zona real do conhecimento -, e o

ainda não sabe – zona proximal do conhecimento (FREIRE, 2008, p. 175).

Apesar de não ser a professora regente da turma tenho procurado todos os dias executar os planejamentos que tenho construído através das minhas observações dos desejos, aprendizagens, necessidades de novos conteúdos expressados pelos alunos.

Tenho procurado diariamente, por meio das propostas que venho oferecendo ao grupo, como a chamada dinâmica que se modifica em relação ao conteúdo que será trabalhado. Exemplo: em nosso projeto literário, ao ler a história de João e Maria eu trouxe em forma de chamada a bruxa que pedia o dedinho de cada criança para saber se estavam magrinhas ou gordinhas, para que fossem devoradas ou não pela velha cega. Este foi um momento em que todas as crianças interagiam com bastante prazer e eu aproveitei este instante para abordar o tema da alimentação, dizendo: -Pedro você está tão magrinho, provavelmente deve ser por que não gosta de cenoura, batata e chuchu? Neste momento, todas as crianças começaram a falar o que gostavam e não gostavam de comer. Sem dúvida foi um momento riquíssimo em que pude através das minhas observações, registros e avaliações, intervir na hora do almoço ludicamente em novas mediações na introdução de alimentos nos pratos das crianças.

Venho realizando no espaço da creche em que atuo, uma observação minuciosa e contínua, relacionada às minhas posturas e de algumas colegas referente ao tratamento que oferecemos as nossas crianças.

Tem sido bem difícil, em alguns momentos, presenciar práticas que já não fazem mais parte do meu fazer pedagógico, como o ocorrido durante o horário de almoço, em que outra turma estava dividindo o refeitório e eu tive que ver a professora obrigando as crianças a comerem todos os legumes e verduras mesmo contra a vontade. Havia crianças que faziam vômito, pois realmente não gostavam do alimento e eram coagidas e chantageadas a comer, pois a professora dizia às crianças que se elas não comessem tudo não iriam ganhar um pirulito que seria dado depois.

Tenho constado em meus estudos e práticas que toda aprendizagem, se tratando de crianças pequenas, deve ser construída por meio de intervenções mais lúdicas, através de brincadeiras, jogos, literaturas entre outros recursos- e

partindo de uma proposta que nasce através de avaliações iniciais que fazemos de nossas crianças (Avaliações iniciais são os levantamentos e leituras prévias que fazemos dos conhecimentos e gostos das crianças). Neste caso do refeitório, em que as crianças foram obrigadas a comer sem gostarem dos alimentos, teria sido correto se a professora tivesse procurado se informar com a família, quais os alimentos que faziam parte ou não dos seus cardápios e a partir dos retornos, intervisse de uma maneira mais adequada na introdução dessas verduras e legumes na alimentação destes pequenos.

Gostaria de salientar que é de suma importância estarmos incluindo e compartilhando a avaliação da criança com a sua família, pois é muito relevante que a creche e seus educadores tenham um bom convívio com as famílias de seus educandos, para que ambas venham socializar os avanços e recuos de aprendizagem e desenvolvimento deste aluno.

Os alunos, contudo, são sempre os mais afetados. Em geral as crianças e jovens permanecem em silêncio, sem escuta em meio aos conflitos de poder. Educação em respeito aos estudantes exige aproximação entre família, escola, governo e sociedade civil. Escuta e não disputa! (HOFFMANN, 2008, p.18).

Acredito que a falta de formação da maioria dos profissionais da área da educação infantil, seja uma das responsáveis por posturas tão lamentáveis que vêm ocorrendo dentro da maioria das instituições que prestam atendimento a crianças pequenas. Muitos educadores se apropriam do discurso legítimo que ganham muito pouco, para se acomodarem em uma prática medíocre de educar. Mas o que temos feito para mudarmos essa realidade? Como temos modificado os nossos olhares referentes ao tratamento que damos aos nossos educandos? Como procuramos compreender nossas crianças pequenas? Suas expressões corporais, seus olhares, choros e balbucios? Talvez nos falte olhar para essas crianças com uma maior sensibilidade, procurando fazer uma leitura mais minuciosa de suas necessidades e desejos. "Não basta, portanto, tentar entendê-las a partir do nosso ponto de vista, mas conversar com elas e apoiá-las a partir da sua própria perspectiva." (HOFFMANN, 2012, p. 27.)

Em algumas sociedades os professores são tratados como as maiores autoridades da nação, com respeito e grande valorização, temos o exemplo das escolas de Régio Emília, que foram criadas do caos pós guerra é hoje são a maior referência mundial de educação infantil.

Infelizmente a realidade do Brasil ainda está bem distante disso, vemos alguns avanços referente a valorização da educação e seus profissionais nos grandes centros urbanos, mas nas áreas rurais assistimos diariamente fatos absurdos como crianças que para frequentarem suas escolas precisam fazer longas caminhadas até o seu destino, escolas que não oferecem merendas, infraestrutura, material didático e acima de tudo, não valorizam o seu professor. As reivindicações são legítimas, mas não justificam a falta de respeito, comprometimento e postura de alguns colegas, em relação ao tratamento que oferecem as crianças. De acordo com Freire P., devemos ter total intolerância a práticas discriminatórias, que negam em si a democracia. Viver uma prática certa e não puramente falar, mas sim viver com a força do nosso testemunho. Quanto mais me assumo como estou, por que estou sendo assim, mais me torno capaz de mudar (1996).

Devemos ser capazes de nos perceber em nossos acertos e erros, para desta forma modificarmos nossas ações e foi exatamente o que ocorreu em minha prática docente durante minha formação nos ISEPS. Lembro-me das aulas com professora Jayna Cosmo, que sempre me provocou várias reflexões sobre a falta de respeito ao tempo das aprendizagens das crianças, a castração da criatividade. Ela nos levava a refletir sobre a autoria das mesmas, a obrigatoriedade de se ter intencionalidade nas propostas pedagógicas, o espontaneísmo na rotina. Reafirmava a grande importância dos registros e documentações como arma de luta em nosso fazer pedagógico. Gostaria de destacar também as aulas com a professora Claudia Sabino que sempre trouxeram e enfatizaram em nossos encontros a postura que um educador deve ter perante a comunidade escolar em que está inserido. Foi através, muitas vezes, de duras intervenções e principalmente nas trocas de experiências com as colegas da turma 2012, que reconstruí minha práxis educativa. No início foi muito doloroso, mas quando fui percebendo as mudanças em minha postura e prática eu constatei a eficácia da concepção democrática na formação de seres humanos. Foi maravilhosa essa experiência teoria/prática, tudo passou a ter sentido e significado para mim.

Sempre me questioneei a respeito de algumas posturas injustificáveis de professores/educadores com quem trabalhei e tenho trabalhado nesses dez anos de atuação na educação infantil, pois sempre acreditei e primei pelo

respeito e sensibilidade para com os pequenos, pois não há como construir saberes e conhecimento sem vínculo e amorosidade. Hoje, apoiada em alguns teóricos como Freire, Vygotsky, Piaget, Hoffmann, me dou conta da tão grande importância da atitude de um professor na vida de uma criança. Como ele pode deixar marcas profundas, tanto boas como ruins, pode tanto elevar a auto-estima de seu aluno, como levá-lo a escuridão do desprazer (1996).

Foi munida de tantos novos saberes e ideais que procurei construir nesses três últimos anos de formação, uma prática docente com um diferencial pedagógico, pois em uma concepção pedagógica democrática, a construção da rotina é bastante dinâmica, um dia não é igual ao outro. Portanto, minhas avaliações também não serão iguais. Elas são realizadas diariamente com a intenção de proporcionar sempre um novo olhar para as aprendizagens cotidianas no grupo e principalmente nas especificidades individuais. "Ao avaliar, nos envolvemos por inteiro, de "corpo e alma", uma vez que o nosso olhar avaliativo é sempre interpretativo, subjetivo" (HOFFMANN, 2012, p. 146).

Sinto que me envolvi por inteiro nesta escolha. Falar sobre avaliação é propor uma reflexão sobre o próprio fazer pedagógico. Refletir sobre o trabalho, as crianças, a prática docente e o conhecimento que está sendo construído.

4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que eu tenha ampliado meus saberes com este estudo e espero contribuir com meus leitores nesta pesquisa sobre a avaliação na busca de um olhar sensível de quem avalia na educação infantil. Minhas inquietações na verdade, continuam sendo a forma que essa criança tem sido enxergada, não somente dentro do espaço de escolar em que me encontro, mas em tantos outros espalhados pelo Brasil afora.

Quero continuar me comprometendo com a criança pequena, crendo que a aprendizagem significativa que procuro defender, possa fazer a diferença na trajetória de formação. Não que eu queira desvalorizar as propostas educativas de minhas demais colegas de trabalho junto aos seus alunos, mas me questiono se a forma mecanizada das avaliações e rotina – sempre a mesma música na chamada, sempre a mesma forma de planejar a rotina – podem trazer de fato aprendizagens significantes para esse pequeno sujeito. O nosso dever como espaço educacional é promover as significações/leituras do mundo para esse educando, além de proporcionar experimentações que influenciem seu cotidiano dentro e fora dos muros da creche.

A avaliação que tem sido realizada dentro da unidade em que sou lotada, está muito aquém das orientações que têm sido propostas na atualidade, pois tem se realizado de uma forma somática (avaliação realizada ao término de cada semestre e ano) confrontando crenças que tenho construído nesses três anos de formação nos ISEPS.

Deixo exemplos positivos e negativos de concepções de avaliativos que tenho vivido, a fim de nos levar a uma reflexão mais profunda sobre essas ações que têm ocorrido no cotidiano do espaço de várias instituições de educação infantil. Ações que tolhem, rotulam e roubam o que é de mais precioso na infância que é o ato de investigar e fazer descobertas.

Como posso confrontar determinadas ações, dentro do espaço que atuo? Sinto que estou seguindo um curso totalmente oposto ao da maioria das minhas colegas, até mesmo dentro da sala em que atuo. Trago essas reflexões a fim de nos levar a pensar sobre essas ações que têm ocorrido no cotidiano do espaço de várias instituições de educação infantil em todo o nosso país. Ações que furtam o que há de mais precioso na infância que é o ato de

investigar e fazer descobertas, que são importantes características de nossas crianças.

"As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis: Elas desejam ser olhadas de azul- que nem uma criança que você olha de ave" (MANOEL DE BARROS, 2013, p. 278). As crianças esperam um olhar humanizado daqueles que estão com elas, que as valorizem como um ser único, que tenham sensibilidade, respeitem suas diferenças e que aprendam a ouvi-las, não com intenção de dar respostas as suas perguntas, mas as auxiliando na elaboração de novos questionamentos respondendo desta forma suas curiosidades.

Desejo ardentemente que nós educadores encontremos, no contato direto com a aprendizagem e desenvolvimento dessa criança, um caminhar de olhos dados com os nossos pequenos, para que venhamos a ser os verdadeiros guardiões de seus sonhos, desejos e paixões de conhecer o mundo.

REFERÊNCIAS

BASSEDAS, Eulália; HUGHET, Teresa; SOLÉ, Isabel. **Aprender e ensinar da educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

BRASIL. **LEI 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelecer as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: [s.ed.], 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm>. Acesso em 10 out. 2014.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

BARROS, Manoel de. **Manoel de Barros**: poesia completa. São Paulo: Leia, 2013.

CAMPOS, Maria Malta; ROSEMBERG, Fúlvia; FERREIRA, Isabel M. **Creches e pré-escolas no Brasil**. 4. Ed, São Paulo: Cortez editora, 2006.

FREIRE, Madalena. **Educador**: educa a dor. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1984.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 31. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação e educação infantil**: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança. 18. ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2012.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. **Manual de uso do ASQ-3 e ASQ-SE**: guia rápido para aplicação do ASQ-3 e ASQ-SE. Rio de Janeiro: IBNEC, 2011.

AGES & STAGES: questionnaires: social-emotional: questionário 48 meses/4 anos. [Rio de Janeiro]: Paul H. Brookes Publishing Co., 2002.

ROCHA, Andressa. **Curso:** pedagogia; disciplina: Avaliação. Rio de Janeiro: AVM, 2011.

REGGIO CHILDREN; PROJECTO ZERO AT HARVARD UNIVERSITY. **Tornando visível a aprendizagem:** crianças que aprendem individualmente e em grupo. São Paulo: Phorte, 2014.

KUHLMANN JR, Moysés. **Infância e educação infantil:** uma abordagem histórica. 4. Ed. Porto Alegre, RS: Mediação, 2007.